

O PAPEL DA DISCURSIVIDADE NA CONFIGURAÇÃO DE LUGARES SINTÁTICOS: UMA ANÁLISE DO COMPLEMENTO VERBAL

Luiz Francisco Dias*
Luciani Dalmaschio**

Introdução

As abordagens mais difundidas do complemento verbal, mormente aquelas derivadas da tradição gramatical greco-latina, denunciam certo desconforto frente a ocorrências em que o verbo projeta complemento, mas ele não aparece no fio da sentença. Nessa direção, uma vez que os verbos *comprar* e *vender* recorrentemente se apresentam nas sentenças estruturados nas formas COMPRAR X e VENDER X, era de se esperar que o complemento se manifestasse em todas as ocorrências com os mesmos verbos. Em (1), (2) e (3) temos ocorrências marcadas pela ausência de uma expressão-objeto, marcadora do complemento verbal.

- (1) Paulo é um comerciante que compra muito e vende pouco
- (2) Carlos é um comerciante que compra, vende e ainda aceita troca
- (3) O motivo da prisão de Pedro: ele comprou e não pagou

* Doutor em Linguística. Professor da UFMG.

** Mestre em Linguística pela UFMG.

As explicações para essas ocorrências mormente atenuam a concepção de transitividade. Com efeito, o uso intransitivo de verbos classificados como transitivos fundamenta essas explicações. Em outros termos, recorre-se facilmente ao argumento de que um verbo transitivo pode ser usado intransitivamente quando o complemento não é explicitado. Isso significa que a percepção da ausência pelas gramáticas clássicas tem como apoio a excepcionalidade advinda de um e outro uso dos verbos, e não de uma análise generalizada do fenômeno. O resultado é uma rarefação do próprio conceito de transitividade, que se mostra afetado pelas ocorrências que suspendem a condição transitiva do verbo.

Trabalhamos com a hipótese segundo a qual a condição transitiva do verbo é relativa a dois domínios. Um deles é o domínio orgânico da predicação. Diremos que o verbo participa da predicação projetando lugar-complemento. Esse lugar-complemento, constitutivo da historicização dos usos do verbo, conformam regularidades no estatuto das sentenças da língua portuguesa. A criação de novos verbos na língua passa pela injunção das regularidades lingüísticas. A projeção do lugar-complemento é uma dessas regularidades. A nossa tese é a de que, mesmo que esse lugar-complemento não seja ocupado lexicalmente, ele continua produzindo efeitos. O segundo domínio é de ordem enunciativa, e arregimenta a discursividade na ocupação ou não do lugar-complemento. Esse domínio explica os efeitos de sentido produzidos em função das discursividades que orientam a filiação da sentença a um campo de pertinência semântica.

A perspectiva teórica que fundamenta a hipótese está na ordem da semântica, particularmente numa linha fundamentada nas teorias da enunciação. O problema da referência adquire um papel importante no nosso trabalho. Especificamente, partimos da concepção segundo a qual a constituição da referência não é algo da relação entre a linguagem e o real, e nem algo relativo ao gesto singular do sujeito na locução. Na nossa perspectiva, a referência se constitui na relação entre o acontecimento do dizer e o domínio histórico da constituição desse acontecimento (Guimarães, 2002). O fato de assumir um lugar de sujeito nesse domínio histórico

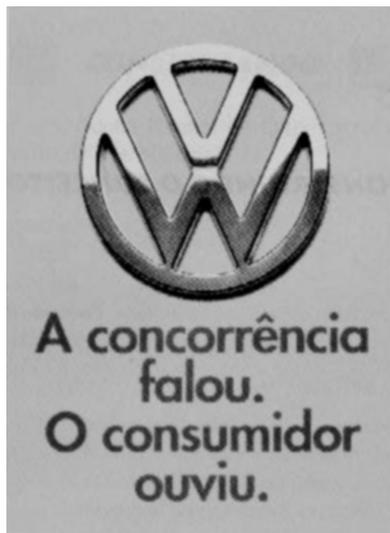
permite a ele (sujeito da linguagem) igualmente assumir perspectivas de constituição de recortes de significação. Esses recortes de significação se configuram em lugares sintáticos, como o lugar-complemento, foco específico deste trabalho.

Para desenvolver essa perspectiva, vamos analisar enunciados de propagandas em veículos da imprensa nacional, e enunciados de uma piada, configurados como sentenças nas quais o lugar-complemento não é ocupado.

O lugar-complemento: bases discursivas do funcionamento sintático

Vejamos abaixo, na figura 1, ocorrências dos verbos *falar* e *ouvir* afetadas pela discursividade que projeta um recorte de significação para o lugar-complemento.

Figura 1: Ocorrência dos verbos *falar* e *ouvir* sem a presença do complemento



In: *Veja*, n. 28, jun 2006.

Percebe-se que os dois verbos do anúncio publicitário¹ não apresentam complementos marcados lingüisticamente. No entanto, os lugares sintáticos estão projetados pelo verbo através da predicação. Essa projeção é essencial para o próprio encadeamento textual. Nesse anúncio, na medida em que o leitor vislumbra aquilo que se fala, tem-se as condições para se traçar o recorte de significação daquilo que se ouve.

A hipótese para a ocupação do lugar complemento do verbo falar é a seguinte:

(4) A concorrência falou { VANTAGENS DE SEUS PRODUTOS }

Na ocorrência sentencial da figura (1), o verbo *falar*, associado à concorrência, orienta necessariamente a predicação de que participa a chamar a presença de um complemento que valorize os produtos dos concorrentes de mercado da Volkswagen. Propomos que, na cena que sustenta a discursividade desse enunciado, o domínio de sentido que orienta a ocupação do lugar de objeto do verbo deve se ajustar a um recorte de significação sócio-historicamente delimitado por um anúncio publicitário dessa natureza. O papel da fala da concorrência para o mercado consumidor está bem demarcado socialmente e todas as suas confluências operam no sentido de conquistar novos clientes.

Já em relação ao verbo *ouvir*, a possibilidade de ocupação do lugar por ele projetado torna-se previsível, uma vez que a sentença anterior funciona como o domínio de referência para esse segundo preenchimento. Dessa maneira, é de se concluir que teríamos algo como (5a) ou 5(b):

(5a) O consumidor ouviu { A FALA DA CONCORRÊNCIA }

¹ O texto do anúncio é construído de modo a utilizar apenas a marca da empresa e seis palavras. Para compreendê-lo, precisamos ter algumas outras informações que compõem o corpo da propaganda.

a) A Volkswagen foi líder no mercado nacional de automóveis, por um período de tempo muito longo.

b) Nos últimos anos, o mercado foi tomado pelo lançamento de novos carros nacionais, de todas as marcas, mais bonitos, modernos e baratos, e também pela entrada no mercado dos importados, o que aumentou ainda mais a competição entre os fabricantes, chegando a ameaçar a liderança da Volkswagen. (texto adaptado de CEREJA e MAGALHÃES, 1998, p.173)

ou

(5b) O consumidor ouviu { A CONHECIDA QUALIDADE DA VOLKSWAGEN }

Mas ainda há um não dito que se segue a (4). Trata-se de um enunciado como (6):

(6) ...mas o consumidor não concordou com ela

Sendo assim, podemos formular um enunciado paralelo a (5), que poderia operar no reforço do trabalho de coesão entre as duas sentenças, tendo o lugar-complemento como foco:

(7) O consumidor não considerou { A FALA DA CONCORRÊNCIA }

Afinal, trata-se de uma propaganda que pretende “vender” a idéia da preferência dos consumidores pelos carros produzidos pela Volkswagen, tendo como suporte uma pesquisa que coloca essa empresa como líder do mercado de automóveis. Logo, a ocupação virtual do lugar-complemento do verbo *ouvir* passa necessariamente pela injunção às discursividades do campo da concorrência, no sentido de desconsiderar os seus méritos.

Isso posto, percebe-se que a unidade sentencial, exposta ao seu campo de enunciação, adquire o status de enunciado. Dessa forma, as discursividades que habitam esse campo de enunciação se encarregam de produzir os recortes de significação que fazem os lugares-complemento adquirir especificidade na dimensão de uma ocupação virtual. Não haveria motivos para falarmos em suspensão da transitividade. Ao contrário, ela atua continuamente, proporcionando as bases materiais para o funcionamento das ocupações, em função das quais se tem o efeito de completude do texto do anúncio. “Assim, o domínio de referência é algo da relação entre um recorte determinado pelas condições históricas do acontecimento enunciativo e uma injunção desse recorte ao lugar específico de configuração da forma lingüística.” (Dias, 2005, p.119). E é esse domínio referencial que possibilita a produção dos efeitos de sentido de um enunciado, dando-lhe, inclusive, a oportunidade de significar “em silêncio”.

Analisemos agora o verbo *apontar*, tal como aparece no anúncio expresso na figura (2).

Figura 2: Ocorrência do verbo *apontar* sem a presença do complemento



in: GUIMARÃES, 1997, p.336.

Na propaganda do CVV (Centro de Valorização da Vida), temos claramente a não ocupação lingüística do lugar-complemento como um recurso fundamental para a funcionalidade do texto. O lugar sintático é projetado pelo verbo. Não há sua materialização, mas isso não afeta a unidade da sentença, porque há uma “memória de seu lugar que advém de outros extratos de ocorrência que são constitutivos do espaço sintático” (Dias, 2007b, p.197). Entretanto, essa não ocupação ganha contornos diferentes daquela analisada a partir da figura (1), envolvendo os verbos *falar* e *ouvir*.

Na análise dos verbos presentes no anúncio da Volkswagen, tivemos oportunidade de perceber que as condições enunciativas que regulam o preenchimento dos lugares-complemento direcionam essa ocupação para um domínio de referência bem pontual. Situação contrária se estabelece com o verbo *apontar* na ocorrência destacada. No enunciado da figura (2), há uma fuga da pontualidade referencial.

Sem realizar muito esforço, podemos captar, na memória dos dizeres em que se inscreve essa sentença, um domínio de referência [*arma*,

revolver] que regularmente contribui para a ocupação do lugar-complemento de *apontar*. Portanto, seria esperado que o enunciado da figura (2) recebesse essa formulação:

(8) Em caso de desespero aponte um revólver/uma arma para o ouvido.

Entretanto, há um deslocamento do domínio de referência, sustentado pelas condições de enunciação que regem o enunciado. Trata-se de uma propaganda que pretende valorizar a vida, dado o caráter social da instituição que a sustenta². Logo, o objeto de apontar adquire sua identidade tendo em vista a esfera discursiva da qual participa. Outro dado que orienta o deslocamento é o recurso não-verbal que integra a constituição textual do anúncio. O desenho de um telefone também é peça importante para que a ocupação do lugar-complemento da sentença possa ser interpretada como em (9):

(9) Em caso de desespero aponte o telefone para o ouvido.

Vale ressaltar que só podemos trabalhar a noção de deslocamento em função da recorrência que proporciona a memória de ordem discursiva. O enunciado (9) corresponde a uma reestruturação de (8). O que podemos perceber é que os diferentes percursos de sentido do verbo *apontar* são elementos que possibilitam a construção de domínios de referência também distintos para a ocupação do lugar de objeto. Trata-se de um intervalo entre uma memória de recorrências e uma atualidade de uso. Esse seria, então, o espaço do equívoco, espaço esse em que “os sentidos não se imobilizam... não perdem seu caráter errático: deslocamentos, equívocos e mudanças se produzem. E não param de produzir seus efeitos.” (Orlandi, 1995, p. 94)

² O Centro de Valorização da Vida (CVV) foi fundado em 1962, em São Paulo, em decorrência do aumento do suicídio nas grandes metrópoles, tendo como objetivo a prevenção ao suicídio, através do apoio emocional oferecido por pessoas voluntárias às pessoas angustiadas, solitárias ou mesmo sem vontade de viver. Assim, iniciou-se o Programa CVV, ou simplesmente CVV, que hoje conta com 2500 voluntários, 57 postos distribuídos pelo Brasil, que se colocam gratuitamente à disposição de todos que necessitam de ajuda. (Adaptado de http://www.cvv.org.br/c_historia.htm - Acesso em 26/12/2007)

A cada vez que a peça publicitária do CVV é recebida por um leitor, o lugar-complemento está em causa, isto é, ganha uma mobilidade; a mobilidade da permuta da *arma* pelo *telefone*. O espaço do lugar-complemento é o espaço da relação entre uma memória histórica, consubstanciada em (8), e uma atualidade, consubstanciada em (9). A enunciação, portanto, é o acontecimento do dizer no qual uma atualidade cruza com uma memória (Guimarães, 2002). O lugar-complemento é o palco desse cruzamento. Novamente não há que se pensar em falta de complemento, mesmo porque a funcionalidade do texto é devida ao fulcro do olhar sobre a mobilidade da saída e entrada no domínio de referência do lugar-objeto.

Vejamos mais uma ocorrência a ser analisada (figura 3), novamente uma peça de campanha publicitária.

Figura 3: Ocorrência do verbo *ter* sem a presença do complemento



O slogan da figura (3) faz parte de um vídeo produzido pela associação Brasileira de Psiquiatria e visa enfatizar a idéia de que os transtornos mentais são doenças comuns, que podem atingir qualquer pessoa, e que, por isso, são tratáveis, e devem receber atenção como todas as outras doenças. O vídeo, que tem a duração de 30 segundos, apresenta profissionais de diversas áreas dizendo: “Eu tenho”. Nele, um locutor explica a alta incidência dos transtornos mentais e a importância de se procurar atendimento. A campanha termina com um enunciado resumidor:

a) o caráter necessário da atuação de um domínio de referência de forma a controlar a inserção da sentença na discursividade constitutiva do texto. Expressões que recortem o domínio referencial *a sua mãe e dinheiro* devem ser postas virtualmente em cena para que a enunciação ganhe efeito de completude;

b) a restrição no tocante a se ocupar o lugar-complemento com referentes que levem à produção de apenas um efeito de sentido. Se assim fosse, o texto perderia sua especificidade discursiva que é a de participar de enunciações com efeitos humorísticos, já que o primeiro enunciado, aquele proferida pelo locutor 1, regularia o domínio referencial do segundo, produzido pelo locutor 2. Isso garantiria o preenchimento das duas ocorrências do verbo *receber* com a expressão *a sua mãe*, que para se materializar duplamente deveria apenas apresentar certa adequação em virtude das particularidades de funcionamento dos dêiticos, tornando-se, assim, *a sua mãe*, no primeiro enunciado e *a minha mãe*, no segundo;

E qual seria, então, o limite para esse movimento, para essa fluidez dos sentidos? O deslocamento, embora contínuo e necessário na constituição do dizer, é inevitavelmente contido por uma rede de significados que se entrelaçam no acontecimento enunciativo. E esse entrelaçamento não se constitui de maneira aleatória, ele se configura historicamente a partir de uma tensão entre memória e atualidade, posta em cena pela posição assumida pelo sujeito na enunciação.

Assim, nas ocorrências que nos propusemos a analisar aqui, perceberemos que a não ocupação do lugar-complemento torna-se o lugar de regulação dos efeitos de sentido pelas condições enunciativas. Efeitos esses que orientam a enunciação para um ou outro caminho do dizer.

Considerações finais

Tendo em vista esse quadro, trabalhamos com a idéia segundo a qual a constituição do lugar-complemento se desenvolve numa dimensão mais ampla do que aquela constituída pelo campo lexical do verbo. Dentre os elementos que compõem o fenômeno da ocorrência de objeto numa sentença, o verbo tem certamente um papel importante, pois é a partir

dele que se projeta um lugar para esse objeto. Mas há outro lado importante do fenômeno: os domínios de referência na ocupação desse lugar. Na nossa concepção, o lugar-complemento é um dos lugares de configuração de referência. Mas é preciso que ressaltemos o seguinte: a idéia de configuração de referência não significa que esse lugar de objeto tenha como contraparte uma entidade extralingüística, isto é, isto não significa que a constituição de um lugar-complemento é produzida por uma orientação a um objeto do real. E como se constitui então a referência? O verbo projeta um lugar, isto é, um espaço no interior do qual se constitui um domínio de referência. O objeto, enquanto forma lingüística, é um recorte de significação historicamente delimitado que ganha uma forma na língua através desse lugar projetado. Assim, o domínio de referência é algo da relação entre um recorte determinado pelas condições históricas do acontecimento e uma injunção desse recorte ao lugar específico de configuração da forma lingüística. Assim, o objeto referido é, antes de tudo, um objeto constituído no gesto de significação, isto é, um objeto historicamente delimitado no acontecimento enunciativo.

Em suma, o lugar-complemento adquire status sintático no seu duplo domínio: o da estruturação de um lugar projetado pela participação dos verbos na língua portuguesa e o da configuração de recortes de significação advindos da dimensão enunciativa em que a sentença se insere.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CEREJA, W. R.; MAGALHÃES, T. C. *Português: Linguagens*. São Paulo, 1998.

DIAS, L. F. Problemas e desafios na constituição do campo de estudos da transitividade verbal. In SARAIVA, Maria Elizabeth Fonseca; MARINHO, J. H. C. (org.) *Estudos da língua em uso – relações inter e intra-sentenciais*. Belo Horizonte: UFMG, p.101-122, 2005.

———. Énonciation et grammaire: le champ de production de grammaires dans le Brésil contemporain. In: Eni P. Orlandi; Eduardo Guimarães (Org.). *Un dialogue atlantique: production des sciences du langage au Brésil*. Lyons: ENS Éditions, p. 79-89, 2007a.

———. Gramática e política de língua: institucionalização do lingüístico e constituição de evidências lingüísticas. In: ORLANDI, E. P. *Política lingüística no Brasil*, Campinas: Pontes, p.183-200, 2007b.

DUCROT, O. Une sémantique énonciative peut-elle être structurale ? *Actes du Colloque Michel Bréal*. San Marin : Université de Bologne, 1977.

GUIMARÃES, E. J. *Semântica do acontecimento*. Campinas: Pontes, 2002.

GUIMARÃES, F.; GUIMARÃES, M. *A Gramática lê o texto*. São Paulo: Moderna, 1997.

MILNER, J-C. La théorie des positions. in: *Introduction à une science du langage*. Paris: Éditions du Seuil, p. 357-408, 1989.

ORLANDI, E. P. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 3. ed. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1995.

POSSENTI, S. *Os humores da língua*. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

Resumo:

O artigo trata da relação entre sintaxe e semântica. Especificamente, a teoria da enunciação foi adotada como fundamento da análise dos dados. A perspectiva teórica permitiu a introdução de alguns conceitos da teoria do discurso, como *memória discursiva* e *efeito de sentido*. O conceito de *domínio de referência*, no âmbito da semântica, também foi fundamental na análise. O foco de interesse nas sentenças analisadas é o complemento verbal. O artigo defende a seguinte proposta: o complemento verbal é um lugar sintático projetado pelo verbo, mas a ocupação desse lugar é comandada pela enunciação. Sendo assim, a ocupação do lugar sintático é diretamente influenciada pelas discursividades que afetam a constituição da sentença. Dessa maneira, a sintaxe se situaria na confluência entre o plano da estruturação lingüística e o plano da enunciação.

Abstract:

This article deals with the relationship between syntax and semantics. More specifically, the enunciation theory was adopted as the foundation for the data analysis. The theoretical perspective allowed for the introduction of some concepts from discourse theory, such as *discursive memory* and *effects of meaning*. The concept of *domain of reference*, in the field of semantics, was also fundamental in the analysis. The focus of interest in the analyzed sentences was the verbal complement. This article defends the following proposition: the verbal complement is the syntactical place projected by the verb, but the occupation of that place is commanded by the enunciation. Consequently, the occupation of the syntactical place is directly influenced by the discursivities that affect the organization of the sentence. Thus, syntax would be situated in the confluence between the linguistic structuring and the enunciation plan.

Palavras-chave: sintaxe e semântica; sintaxe e discurso; complemento verbal.

Keywords: syntax and semantics; syntax and discourse; verbal complement.